

K. Ha um caso notavel de syllepse em que se reproduz no plural uma idéa que foi exposta no singular. Ex.:

Luis escreveu uma *ode* admiravel como sabia escrevel-as.

Antonio saiu e comprou um pão onde os vendiam.

Não compres *livro* sómente pelo titulo: ainda que pareçam bons, são muitas vezes *pessimos*. (1)

L. O verbo *ser* constitue predicado só quando vem com o attributo: *é bom, é preciso*, etc. Por isso, muitas vezes o verbo concorda com o predicado:

Tudo eram flôres.

O que elle tinha eram febres.

“As *nymphas* do oceano tão formosas...

Outra cousa não é que as deleitosas

Honras que a vida fazem sublimada.”

Lus., IX, 89.

Alguns grammaticos sophismam o facto da attracção do predicado sobre o verbo *ser*, dizendo que na proposição: *O dinheiro é um bem fugitivo* — o sujeito é o *dinheiro*; e logo depois, na proposição — *O dinheiro são bens fugitivos* — o sujeito é *bens*. A verdade, porém, é outra, e resulta de que a predicacão nos verbos completos *amar, receber*, é constituida por esses proprios verbos: *Pedro ama*. Com o verbo *ser*, a predicacão só existe quando occorre um attributo: *Pedro — é amante*. O attributo é por assim dizer uma immannencia do verbo substantivo, e, em geral, lhe é subordinado. (2)

No conflicto entre a regra logica e a do uso, muitas vezes se encontra dupla syntaxe, como nestes curiosos exemplos de Vieira e Bernardes. Diz Vieira, *Sermão da Nativ.*, pag. 296:

“As *riquezas* sem luz são pobreza, e a *pobreza* com luz são as maiores riquezas.”

(1) Em Fr. Luis de Souza — *Vida do Arceb.* t. I, cap. IV: “Mas não nos constou em que *anno* começou nem *quantos* esteve com elle.”

(2) Por isso são correctas as phrases: *Quem bate? Sou eu. São 18 do mez. São onze horas da noute*, etc.

Na obra *Luz e Calor*, pag. 29, diz Bernardez:

“E assim como o espelho é todos os objectos representativamente; assim este entendimento é todas as cousas intencionalmente.” (1)

M. Ha certos casos em que a phrase pôde ter dous sujeitos de diversos numeros, e então a concordancia é arbitraria. Ex.: *Deve-se promulgar as leis*, ou *devem-se promulgar as leis*. No primeiro caso, o sujeito é *promulgar*; no segundo, *as leis*.

Quando, porém, o sentido determinar exactamente o sujeito verdadeiro, a concordancia não pôde ser arbitraria. Ex.: *Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o unico sujeito possivel é *inverter*.

Da mesma fôrma deve-se dizer: *Intenta-se demolir aquelles mórros*; e não, *intentam-se*.

N. Os nomes geographicos do plural, quando significam uma unidade, rio, cabo, monte ou povoação, figuram como no singular:

Campos é proximo do Rio.

Buenos-Ayres *está* na embocadura do Prata.

O fertil *Amazonas*.

Ha excepção quando os nomes exprimem collectividade de montanha, paizes, e são, por isso, precedidos do artigo:

Os *Estados-Unidos* de novo *fizeram* a paz.

Os *Andes* de sul a norte *marginam* o littoral do Oceano Pacifico.

Os *Alpes* nevam.

O. Syntaxe de QUE e QUEM sujeitos. A regra logica é que QUEM leva a terceira pessoa e QUE pôde ser de qualquer pessoa. Ex.:

Eu sou *quem* o diz — ou sou eu *que* o digo.

(1) Comm. por Firmino Costa. Acrescento que essa hesitação foi sempre de todos os periodos da historia da lingua. Camillo Castello Branco é na materia um dos mais hesitantes. V. o seu pamphleto *Vaidades*.

Entretanto, nos classicos ha exemplos de vario uso. João de Barros escreveu:

“Eu sou a *que ando* nas mexericadas.”

“Eu sou a *que maior bem quer*”, usos contradictorios.

Nas proposições de existencia (verbo *ser*), QUEM usa-se com qualquer pessoa: *Quem és? Quem sois?* Não seria correcto dizer: *Quem falas?* mas o é dizer com Bernardim Ribeiro:

“*Quem és a que me falas?*”

Nota-se o emprego do *que* com qualquer pessoa:

“*Eu sou o que te chamo e que te obrigo.*” Lobo (*Condest.*, I.)

E's alma que este peito animas (*Malaca conquist.*, V. 28).

O' tu *que passas*, homem Cyrineu (*Camões, Eleg.*, VI.)

Quem te disse que eu era o *que te sigo?* (*Lus.*, IX, 77).

Cousas *que juntas se acham* raramente (*Lus.*, X, 154).

Eu *que cair não pude* n'este engano (*Lus.*, V, 54).

P. Ainda que na concurrencia da segunda e terceira pessoas (segundo a regra da grammatica geral) deva predominar a segunda (Tu e Tullia *estae* bons), o habito de usarmos continuamente a terceira pessoa (Você, V. Excellencia), na conversação, torna possivel o predominio da mesma terceira pessoa na concordancia. (1)

(1) Os seguintes exemplos foram-me communicados por Firmino Costa:

“E assim tu agora sacrificas, para que nós e os *Deuses* te honrem.” Bernardez, *Estimulo Practico*, 89. “O inferno, Deus e mais tu o fizeram, elle como justo, tu como o condemnado.” Idem. *Ex. Esp.*, I, 195. “E cuidam elles; ou nós, que dizem o contrario. Ibidem, 366. “Diz-lhe que não ha sobre a terra um lo-

Q. *Um e outro.* Póde exigir concordancia no singular ou no plural:

Não eram bem despedidos de *um e outro* arcebispo.
Fr. L. de Sousa — *Vida do Arc.*, II, 138.

Um e outro *gemem.*

Feira de Annexins, 84.

Uma e outra coisa lhe *desagrada.*

Floresta, II, 260.

Um e outro mau effeito o *cegaram.*

Estim. pratico, 311.

Exemplos esses colhidos por Firmino Costa. Na era archaica dizia: *o um e o outro* (Cf. o francez — *l'un e l'autre*), esta syntaxe ainda se depara em alguns quinhentistas.

R. Os sujeitos por vezes são precedidos de preposição e nesse caso a concordancia é feita com o substantivo regido:

Cerca de duzentos soldados *morreram* em combate e *para mais* quinhentos *ficaram* feridos.

S. Por uma referencia occulta, póde, não sem elegancia, concordar o singular com o plural, como neste exemplo de Damião de Góes:

El-rei estava lançado num *catre* que *são* leitões de campo.

(*Ap. C. Figueiredo — Lingu. do Camões*, 31*)

T. Do eminente philologo Mario Barreto é a nota seguinte:

“Na carta que Rui Barbosa dirigiu, em 19 de maio de 1909, aos srs. F. Glicério e A. Azeredo acerca da candidatura

gar onde caibam elle, eu e o meu odio.” A. Herculano, *O Bobo*, 179. “A ver si tu e outros se convencem e se fazem tambem prégadores.” Castilho, *Colloquios*, 193.

Communicados pelo Dr. Silva Ramos:

“Mas tu nem os teus ulemas e cacizes *entendem* estas cousas”. Alex. Herc. *M. de Cister*, I, 86.

“A viscondessa, tu e quanta mulher ha *vão-se* com Belzebuth.”

Castilho, *Avar.*, acto V, sc. VI.

Hermes, e que teve entre nós a publicidade mais ampla, lê-se: "...e s. exc.^a respondera, declarando aceitaria, sob a condição de *anuirem* o barão do Rio Branco e eu".

"E" regra geral, ditada pelos gramáticos, que quando o verbo se refere a dois ou mais sujeitos, em concorrência de várias pessoas, a segunda é preferida à terceira, e a primeira a todas as outras: *Meu pai e eu iremos* — *Tu e tua irmã ireis*. Segundo este princípio bem conhecido, devia dizer Rui Barbosa: "...sob a condição de *anuirmos* o barão do Rio Branco e eu". Falhou, neste caso, a regra lógica de gramática geral, ainda que isto nada tenha de estranho; pois, como diz um autor ilustre, "esta matéria de concordâncias é das mais difíceis para quem se proponha reduzir o uso a cânones precisos, que se limitem a representá-lo fielmente". O exemplo de Rui Barbosa é mais um que se vai ajuntar aos já numerosos de liberdades, ou antes, licenças, tomadas caprichosamente por penas mui castiças em matéria de concordância do verbo com o sujeito.

"No caso da carta de 19 de maio de 1909, bastou que na oração antecedesse o sujeito de terceira pessoa ao da primeira (e pôs-se a primeira pessoa depois por modéstia) para que Rui Barbosa, escritor de correção esmeradíssima, fizesse reger o verbo em terceira também, dentro da pluralidade que lhes competia. Pelo menos, é a única explicação grammatical que me occorre para tão anómalo caso. Anómalo sim, porém não singular. Também Alexandre Herculano, no seguinte exemplo, em que concorre a 1.^a com a 3.^a, pôs o vb. na 3.^a pessoa do plural: "Dize-lhe que não há sobre a terra um lugar onde *caibam* êle, eu e o meu ódio". (*O Bobo*, cap. X, p. 179, edig. de 1878.) Cervantes, no *Coloquio de los perros*, escreveu: "Admiradas *quedaron* tu madre y yo..." Francisco Rodríguez Marín, que tem feito notáveis e preciosas reedições de Cervantes, corrigiu: "Admiradas *quedamos* tu madre y yo...", mas reconhece que a edição príncipe e a de 1614 trazem *quedaron*.

"Quer se diga *eu e meu irmão*, quer *meu irmão e eu*, como ordinariamente fazem os Franceses e os Espanhóis, os quais colocam a primeira depois das outras por cortesia (1),

(1) *Ma sœur et moi, parlons français* — *Mi hermana y yo hablamos francés*. Em português, porém, dizemos indiferentemente *eu e tu*, ou *tu e eu*, *eu e êle* ou *êle e eu*: *Eu e a minha irmã fomos francês*. — *Ficámos sós eu e aquela mulher* (*nous restâmes seuls, cette femme et moi*).

o verbo vai para a 1ª do plural: *Meu irmão e eu andávamos mal vestidos e mal alimentados*. Menos raras se topam as infracções da outra regra da gramática geral, de que deve predominar a segunda na concorrência da segunda e terceira pessoas (*Tu e êle partireis juntos*), porque não costumamos empregar na conversação a segunda pessoa do plural, mas sim a terceira. Veja Epifânio Dias, *Gram. portug. elementar*, § 116, *obs.*, e § 187, fim; A. A. Cortesão, *Gram.*, pág. 115, nota, e João Ribeiro, *Gram.*, curso superior, pág. 215. Eis o que torna possível o predomínio da terceira pessoa na concordância, como se vê nos exemplos que abaixo transcrevo: “De que me serve a minha inocência de que Deus e tu são testemunhas, se tu atiras assim com a minha fama, com a minha honra às esfaimadas bôcas da calúnia!” (Almeida Garrett, *O alfageme de Santarém*, p. 102, edição da Imp. Nacional, Lisboa, 1872.) — “O que eu continuamente peço a Deus é que êle e tu sejam meus amigos para se não enfadarem de me ter em sua companhia, e me darem o abrigo que meus pais me não deixaram.” (Camilo, *Memórias do cárcere*, vol. II, p. 144, edição de 1864.) — “Tu e os leitores da tua laia é que afogam os embriões dos escritores aforismáticos em Portugal.” (Id., *Vinte horas de liteira*, p. 149, 2ª edição.)

— “Matar-me-ia ainda assim, se tu e os outros me não chamassem cobarde.” (Id., *A Mulher fatal*, p. 154, 2ª edição.)

“Se os sujeitos se pospõem ao verbo, pode êste concordar com um só sujeito, o mais próximo, suprindo-se com os outros. E é o sujeito mais vizinho do verbo que atrai a concordância da pessoa: “Dei-me por doente, e por tal me creu no dia seguinte vossa mãe e vós”. (Filinto, *Obras compl.*, XX, 278.)

— “Quão diversamente que êle, me acolheu meu tio e vós! vós cheios de ternura, e êle humilhando-me.” (Id., *ibid.*, XXI, 77.)

— “Se vos vamos à mão, pondo em dúvida a existência sublunar de “mulheres que salvam”, aí vens tu e os teus colaboradores da mentira, gritando em estilo frendoso que há mulheres portadoras de bálsamos celestiais, colhidos nas colmeias dos anjos”. (Camilo, *Vinte horas de liteira*, introd., p. 17.) — “A história que eu vou referir, só a sabe em Portugal minha mulher e eu”. (Id., *O olho de vidro*, capítulo XII, p. 118.)”

X

Usos especiaes

Do verbo “haver” e uso do “se”

A syntaxe do verbo *haver*, usado não como auxiliar mas impessoalmente, constitue o que se poderia chamar *idiotismo* da lingua. Mas a syntaxe d'esse verbo, por mais anomala que pareça, acha-se sufficientemente explicada.

Nas phrases:

Ha homens
Houve occasiões
Haverá votos

Para os que sustentam a doutrina de que o verbo *haver* significa *existir*, aquellas sentenças interpretam-se do seguinte modo:

Existem homens
Existiram occasiões
Existirão votos.

Neste caso seria forçoso admittir que *homens*, *ocasiões*, *votos*, são verdadeiramente sujeitos, que escapam á concordancia grammatical, constituindo d'esta arte vicioso solecismo. Mas é inadmissivel essa interpretação, e a prova é que ha necessidade de collocar o pronome no accusativo nas phrases como esta e outras analogas: “Festas não

as houve” onde evidentemente não poderia *as* ser sujeito do verbo.

A etymologia do verbo *haver*, porém, indica a fôrma primitiva no latim, que era *habere* e significa *ter*:

Copias habet
(*Tem exercitos*).

A comparação demonstra que o equivalente de *haver* no francez é *avoir*:

Il y a des hommes.
Ha homens.

E no periodo classico é commum encontrar *ahi houve*, *ahi ha*, analogos ás fôrmas de *y avoir*.

Que geração tão dura *ha hi* de gente? (*Lus.*, II, 81.)

No proprio portuguez antigo, *haver* ou concorre com *hi* ou com qualquer adjuncto adverbial equivalente, como na canção de Affonso, o Sabio:

Tantas son as mercês,
Senor, que *en ti á*.

Em Heitor Pinto sempre concorrem as duas palavras *hahi*, *hiha*:

“Não *hahi* cousa tam encuberta (I, 11) nem *hahi* razão para dizerdes (I, 27) mas taes *hahi* que folgam (I, 72, ed. Rollandiana. 1843).

O verbo *avoir* é derivado de *habere*; como *devoir*, de *debere*. D’ahi se conclue que se ha de interpretar o verbo *haver* com a significação de *ter*:

Ha homens = *tem* homens.
Houve dias = *teve* dias.
Haverá votos = *terá* votos.

Assim entendida, desaparece a discordancia, e os termos *homens, dias, votos*, serão considerados complementos directos do verbo *haver* = *ter*, cujo sujeito é elliptico:

O mundo tem homens.
O tempo teve dias.
A sociedade haverá votos.

Essa interpretação não é um sophisma, é a dedução de actos observados na lingua em diversos periodos, em que *haver* conserva o valor etymologico da significação:

E elle havia nome Antão.

C. Mon. 702 v.

“O instante se *ha* com o tempo da maneira que se *ha* o ponto com a linha.”

Heitor Pinto.

O facto do sujeito occulto é analogo ao do sujeito *apparente* que se nota no francez: *il pleut, ce semble, il y a*, etc. Tambem certo e innegavel é que actualmente, fóra da litteratura, o verbo *haver* significa *existir* e não *ter*, e isso explica os numerosos solecismos que hoje se nos deparam: “*Haviam occasiões*”, etc.

Essa translação de sentido é real e acha justificação no proprio verbo *ter*, que entre o povo já significa tambem *haver*: *tem dias* que... = *ha dias* que, etc. (Em outras linguas, como no francez, o verbo *être* tem o valor de *ser* e *estar* cumulativamente.

Ha phrases na lingua usual que conservam nitidamente o significado etymologico de *haver*. Ex.:

Haviada por verdade (*Lus.*, IX, 45) — (*tida* por...)

Bem haja o pobre (Deus tenha...)

A expressão *haver filhos* é consagrada; o substantivo *haveres* (teres, posses) indica claramente a etymologia.

Os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar*, frequentemente usados e de sentido quasi vago quando auxiliam verbos principaes, naturalmente soffreram a influencia que poderiam exercer uns sobre os outros.

O sentido de *ter* é evidente entre os quinhentistas em muitos exemplos:

Que outra ilha *tem* perto cuja gente
Eram christãos...

Lusiadas, I, 101.

— Certo grammatico chileno, J. J. de Mora, não sem agudeza, crê que nessas phrases do verbo *haver* impessoal, o sujeito é o adverbio — pronome *hi*, *y* (de *hic*, *illic*, lat.), que, ao menos na lingua antiga, acompanhava o verbo. Para comproval-o basta notar as phrases modernas em que *hi* é substituido por locuções adverbias (na *America* ha grandes florestas), as quaes locuções são os sujeitos, ao menos ideologicamente (*a America tem* grandes florestas). Comparem-se as phrases: *Aqui ha* (este lugar tem) palmeiras. "*Na Suecia ha* (A Suecia tem) pinheiros."

E' certo que o francez appõe o *il* com *il y a*, mas esse sujeito apparente é proprio de todos os impessoaes francezes: *il pleut*, *llueve*, chove. (1)

Pronome — SE

A lingua portugueza possui uma voz MÉDIA passiva com o pronome *se*:

Fizeram-se casas.
Preparou-se a terra.
Escreviam-se cartas.

(1) Muito digno de lêr-se é o estudo do Prof. Saïd All na *Rev. Bras.* (1895 — tom. I, fasc. I e II) sobre *Verbos sem sujeito*. O estudo é excellent e contém observações originaes e interessantes.

Este systema representa uma voz passiva da terceira pessoa, que seguiu a tradição do processo latino: *amor* = amo-se (o que aliás não está averiguado e é mera hypothese).

Ainda na lingua antiga nota-se a syntaxe pura da passiva com o *se* e o complemento causal:

As cartas *escreveram-se* por elle.
(Foram escriptas por elle.)

Não são muito raros os exemplos em Camões:

...o mar remoto navegamos
Que só dos feitos phocas *se navega*

Lus., I, 52.

Olha essa terra toda *que se habita*
D'essa gente sem lei, quasi infinita

Lus., X, 92.

Em Barros, *Decada III*, encontra-se o exemplo seguinte:

...*Se nota pelos mareantes os perigos do mar.*

Houve erro, se o é, de concordancia, e o escriptor deveria dizer *se notam* (*notam-se*). Mas o que é claro, é o uso da voz passiva com o complemento *pelos mareantes*.

São notados pelos mareantes os perigos.

Entretanto, o uso mais auctorizado é adoptar a passiva de *se* — salvo se ha sujeitos que possam ser representados por pessoas capazes de acção — o que faria naturalmente obscuro ou equivoco o sentido. Seria, pois, erro dizer: — “Na peleja, muitos soldados já *se estendem* mortos por terra”.

Esta construcção indicaria a espontaneidade da acção, o que é absurdo. Deve-se dizer: "Muitos *são estendidos* mortos no chão". (1)

Por influencia da lingua franceza, pela analogia ideologica que existe entre *on dit* e *diz-se*, o modismo francez introduziu-se na lingua, e ha escriptores que empregam a syntaxe: *diz-se* cousas (dizem-se cousas). Os defensores d'esse gallicismo syntactico procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome *se*.

Esta explicação não é destituída de senso, embora contraria á historia da lingua até ao latim, onde o *se*, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo finito.

No francez, *on dit*, o vocabulo *on* (*homo*) é um nominativo e pôde ser, como é effectivamente, o sujeito; doutrina, porém, que não pôde ser applicada á lingua portugueza no que respeita a particula — *se*. Tinhamos antigamente o uso equivalente de *homem* e *um*:

"Não pode *um* estar que não diga" "Não pode *homem* guardar segredo" etc. (2).

E mesmo *homem* sujeito podia ser usado na linguagem de mulher, como o fez Camões nos *Amphitriões*:

Ha os homens trazeres
si mornos nos amores.

I, sc. 2.

(1) *Gramm.* de Ferreira de Andrade J., Lisboa, 1850, pag. 65.

(2) E' interessante o que diz Leo Spitzer (*Aufsätze*, 161) sobre os modismos da especie: "*São* vaidades! *são* historias; *são* coisas, etc." para indicar a normalidade dos factos que soem acontecer. "*São ricos*, lá se entendam" é phrase que se approxima daquelle teór, embora mais clara no sentido da analyse.

Entretanto, a literatura contemporanea, tão approximada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso de *se* como sujeito, apesar da resistencia que a isso oppõem os grammaticos.

Não é pequena a difficuldade de analyse da *passiva* com *se*. E' demasiada subtileza dizer que na phrase "Louva-se a Deus" a palavra Deus não é complemento objectivo, e affirmar que *a Deus* é sujeito (com preposição *l*). Além disso, "*Louva-se a Deus*" não significa que "Deus é louvado", e apenas que "Deus é para ser louvado, é digno de louvor", da mesma fórma "*Vende-se casas*", não significa "casas são vendidas", mas "casas são para vender ou vendaveis. (1)

Do mesmo modo analyssem-se fórmulas como "Aqui *bebe-se* vinho puro". — "Em Roma *vive-se* com pouco". — "A que horas *se* come?" (2).

Alguns empregos do — SE

Não é só o sentido de voz *passiva* que na phrase define o pronome *se*. Ha outros usos importantes que convém conhecer mais minuciosamente:

1. O emprego do pronome *se* e das variações de outras pessoas (*me-te-vos-nos*) ajunta ao do verbo o sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção:

(1) A fórma *vendavel* é a mais usada; contudo, *vendível* seria mais conforme á derivação dos adjectivos analogos que se tiram dos verbos em *er* e *ir*: *crível*, *attendível*, etc. Veja-se a nota 143 da minha *Selecta Classica*.

(2) Julio Pires Ferreira em suas *Consultas* (pag. 49) classifica os varios empregos de *se*: 1) voz passiva: gazophilacios onde *se lançavam* as esmolas (Bernardo); b) formação de reflexivos: retrou-se; c) *expletivos*, que indicam espontaneidade de acção: Alegrementemente *se* partia. Elle *se foi* á cidade. d) sujeito indeterminado: Conta-se de um monge que...

Esta ultima classe é a mesma da voz passiva.

“Elle se partiu; elle se foi embora” (isto é, por vontade própria e espontanea). “Alegremente se partia”, diz Camões.

Se a acção é necessitada e independente do sujeito, já não cabe o uso do pronome. Esse sentido deriva naturalmente do uso dos verbos chamados pronominaes, em que a acção do sujeito refere-se ao proprio sujeito e fica, portanto, na sua dependencia. D’ahi resulta que essa funcção, generalizando-se além dos pronominaes, empresta a espontaneidade da acção a outros verbos.

B. O uso de *SER-SE* é uma consequencia do anterior e por elle se explica cabalmente. “Quando se é rico”; “se se é pobre” — toda a existencia expressa pelo verbo vae e volta ao sujeito ou nelle se cifra e limita. Parece que na expressão “Quando se é mulher” a existencia exprime a necessidade; ao contrario, o sentido da phrase é exprimir a contingencia e hypothese, para tirar-se qualquer illação.

c. O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente, serve para designar phenomenos naturaes; a agua evapora-se, — o que differe de — a agua é evaporada (podendo ser-o, nesse caso, artificial e propositadamente por outro agente). (1)

(1) Sobre a passiva formada com o pronome *se* e a respeito dos casos em que *se* parece ser o sujeito, leia-se a nota 138 da minha *Selecta Classica*.

XI

Da ordem e collocação das palavras em geral

O discurso coordena-se de duas maneiras: pela *ordem directa* e pela *ordem inversa*.

A *ordem directa*, tambem denominada *analytica*, consiste na collocação dos termos da proposição, de modo que venha em primeiro logar o sujeito, depois o verbo e afinal o attributo.

Exemplos:

— *Deus é omnipotente.*

— *A luz que se nota no brilho dos planetas, provém do sol, centro do systema planetario.*

A *ordem inversa*, tambem denominada *ordem synthetica*, consiste em uma disposição differente da que se nota na *ordem directa*.

Exemplos:

— *Omnipotente é Deus.*

— *Provém do sol, centro do systema planetario, a luz que se nota no brilho dos planetas.*

Como se vê do exemplo, o sujeito *LUZ* vem depois do verbo.

Ambas as construcções são peculiares ao portuguez, convido notar que o respectivo uso não é de todo arbitrario, quer quanto á distribuição dos vocabulos, quer quanto á distribuição das clausulas no periodo.

A *ordem directa* representa a analyse, serve para a linguagem intellectual, philosophica e scientifica. Tem mais clareza e fala mais á razão do que aos sentidos e á imaginação.

A *ordem inversa* representa a synthese, serve para a linguagem do sentimento, da arte e da poesia e finalmente da paixão; é linguagem dos poetas, oradores e historiadores.

A *ordem directa* é propria do estylo scientifico ou pratico. Na historia da lingua veremos que a *inversa* predominou no periodo dos grandes poetas e escriptores do seculo XVI. Nos seculos seguintes, a *ordem directa* vae predominando gradualmente por effeito da decadencia classica, do progresso da cultura scientifica e notavelmente por causa da influencia da literatura franceza.

Nas linguas primitivas, a ordem é sempre *inversa*, por isso que o periodo inicial é caracterizado pela intensidade do sentimento e vida affectiva e da poesia e imaginação.

A *ordem inversa* é, portanto, a mais antiga e a mais natural, salvo em seus excessos licenciosos e arbitrarios, que são intencionalmente produzidos pelos escriptores. Todas as phrases que encerram alguma sentimentalidade, são dictadas na *ordem inversa*, taes como as phrases optativas, exclamativas, imperativas, etc.

1 — DA ORDEM DAS PALAVRAS NA ORAÇÃO SIMPLES

Os termos da proposição, *essenciaes*, são o sujeito, o verbo e o attributo.

Os termos *secundarios* são os complementos.

Não é de todo arbitraria a collocação d'esses termos.

Ha algumas regras, das quaes as mais notaveis são as seguintes, nas proposições simples:

1. O sujeito colloca-se depois do verbo nas phrases interrogativas, exclamativas, optativas e imperativas:

Queres *tu* almoçar ?
Queira *Deus* protegê-lo !
Possam *elles* viver !
Dize *tu*; dizei *vós*.

“Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias que tiveram.

Por emphase, pôde ser alterada a collocação n'este como nos outros casos.

2. Quando ha citação de um trecho ou quando um interlocutor toma a palavra, os sujeitos dos verbos que occorrem, como *dizer, replicar, responder, interroper*, etc., vêm sempre depois:

Creio, dizia *elle*, que...

Creio, replicou *Antonio*, que, ...

Creio, respondemos *nós*, que... etc.

A vida, dizia *Socrates*...

3. Colloca-se por harmonia e belleza do estylo o sujeito depois do verbo, quando é de grande extensão relativamente ao resto da phrase:

E' triste a *necessidade de corrigir com a lei abusos que deveriam já não existir*.

4. As proposições que começam por adverbio, de ordinario são construidas na ordem inversa:

Aqui esteve *elle* dous annos.

Em vão procurou *Cesar* convencel-o.

Apenas levantaram *elles* a cortina...

Então levantou-se o *rei* e disse.

Hontem desmoronou-se *uma casa*, etc.

5. Qualquer que seja a ordem da proposição, os complementos são inseparaveis das partes que os regem, ou os exigem:

Ardeu a casa *de Pedro*.

Ponha agua *com sal*.

O *hómem que é justo*, é feliz.

A palavra *Pedro* sempre ficará junto á preposição — *de* — qualquer que seja a inversão que se opere no primeiro exemplo, e o mesmo se pôde affirmar dos outros casos. Quando, porém, o complemento é uma proposição, como succede no ultimo exemplo, a ordem pôde ser invertida, por licença, na poesia:

O *homem é feliz, que é justo*.

Tambem disse elegantemente o nosso poeta Varella:

Ah! nenhum mago da Chaldeia sábia
A dôr abrandará que me devora!

A inversão em um unico talho da phrase pôde tornar-se abusiva, como o é a de Filinto Elysis nos *Martyres*:

Em *pesada* caiu *melancolia*.

6. Ha palavras que têm posição definida no discurso. O artigo, os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos, os determinativos, vão sempre antes do substantivo

O homem.
As mulheres.
Este livro.
Meu livro.
Alguns homens.
Qualquer homem.
Todo homem.

Do artigo nunca se faz inversão, nunca se diz em prosa nem em verso: *homem o*. Dos outros determinativos são naturaes as inversões na poesia e na propria prosa, em orações exclamativas: Que homem *este*! (1)

A inversão pôde dar-se, mas em qualquer caso tambem se opêra a differenciação dos sentidos em maior ou menor gráo.

(1) "Homem *este* que viera de longes terras". Repare-se que nesta phrase exprime-se referencia e accrescimento a assumpto já começado ou tratado. Com analogo sentido, é costume empregar a expressão: disse *isto*, *isto* disse, etc., para indicar o que já foi dito e não o que se vae dizer. Depois de reproduzir varios discursos, ajunta Camões: *Isto dizendo* (II, 106). *Isto disse* (II, 89), ou intercala:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo *isto*, arranca meia espada)

Lus. IV, 19.

Muitos escrevem *isso*, provavelmente por uma reminiscencia de *voilà* francez.

Por exemplo:

Homem *algum*.
Um *simples* criado.
Um criado *simples*.
Homem *qualquer*.
Qualquer homem.
A tarde *toda*.
Toda a tarde.

Com os relativos e conjunctivos *que*, *qual*, *cujo*, é inadmissível a inversão:

As *quaes* cousas.
Que *cousa*.
Cuja regra.

E' completamente impossível, nestes exemplos, inverter a ordem, dizendo: *regra cuja*, *as cousas quaes*, etc.

Na lingua antiga era admissível a syntaxe de collocação que separa o *adjectivo* cujo de seu referente: — aquelle homem *cuja* era a mulher.

— O *adjectivo* *meio* antepõe-se: *meia arroba*, *meio litro*. Depois da expressão de unidades, *pospõe-se*: *duas arrobas e meia*, *litro e meio*.

No emtanto, o symbolo correspondente a *meio* vae sempre reunido ao das unidades: *2 1/2 arrobas*, *1 1/2 litro*.

— *adjectivo* *mero* sempre se antepõe: *mero soldado*.

Alguma rara vez póde vir posposto, no verso:

Isso é um segredo *mero*
A que o amor nos obriga.

Camões — Auto do amph. I, V.

7. As palavras em juxtaposição separada, os compostos e as locuções têm a ordem de construção já consagrada pelo uso, e que não póde ser invertida:

Ajudante general.
Por onde.
Pouco mais ou menos.
Afim de que.
Desde logo.
Mão grado.
Onde quer que.

8. Quando ha emphase ou necessidade de pôr em relevo qualquer idéa ou expressão, esta deve ir em primeiro logar:

"A sua historia ouviste-a." (Herc., Eur., XVI.)

"Pilotos lhe pedia o Capitão." (Camões, Lus., I, 70.)

"Qual a materia seja, não se enxerga" (Camões, Lus., X, 78).

2. — ORDEM DAS PROPOSIÇÕES NO PERIODO

1. As proposições subordinadas de qualquer especie collocam-se conforme a dependencia em que estão da principal.

A *subordinada substantiva*, quando serve de *sujeito*, de ordinario vae depois do verbo:

Era justo que *se retirasse*.

E' lamentavel que *assim procedas*.

A *subordinada substantiva* que serve de *complemento*, ordinariamente vae depois do verbo:

Quero que *estudes*.

Receio que *venham*.

Vi que *se divertiam*.

A *subordinada adjectiva* que se aggrega ao *sujeito* ou ao *complemento*, vae sempre junto do *sujeito* no primeiro caso e do *predicado* no segundo.

O livro que *li*, é bom.

Recebi o livro que *escreveste*.

A *subordinada adverbial* não tem collocação definida. Colloque-se no rosto da phrase a que fôr